

Notícia e ficção: rubricas entrelaçadas em *O Recreio* (Lisboa, 1836) / *News and fiction: interwoven issues in O Recreio* (Lisbon, 1836)

Simone Cristina Mendonça*

Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp (2007). Professora de Estudos Literários na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa, na cidade de Marabá, estado do Pará.

 <https://orcid.org/0000-0002-8304-8899>

Recebido em 25 set. 2019. **Aprovado** em: 31 out. 2019.

Como citar este artigo:

MENDONÇA, Simone Cristina. Notícia e Ficção: Rubricas Entrelaçadas em *O Recreio* (Lisboa, 1836). *Revista Letras Raras*. Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 113-123 / Eng. 115-125, nov. 2019. ISSN 2317-2347.

RESUMO

A biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, conserva, em sua versão impressa, o tomo II do mensário *O Recreio, jornal das famílias* (1836), periódico ilustrado que traz uma grande variedade de assuntos aos leitores, desde notícias a pequenos contos. No conteúdo, destacam-se uma “Sentença” e um “Processo”, longos textos jurídicos expostos com linguagem e elementos da narrativa de ficção, que dialogam entre si e com outras rubricas do jornal, apesar da separação espacial e temporal das publicações. A partir da leitura das fotografias do periódico, tiradas no local, e auxiliados por Tengarrinha (1989), Rodrigues (1998) e Thérénty (2007, 2015), faremos uma análise da relação entre esses textos publicados n’*O Recreio*, com vistas à melhor compreensão do uso das técnicas da narrativa de ficção nos jornais oitocentistas. As pesquisas iniciais que geraram este texto ocorreram em período de estágio de pós-Doutorado, no IBILCE/UNESP-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa periódica portuguesa; Século XIX; Jornal “O Recreio”; Rubrica. Ficção.

ABSTRACT

The library Real Gabinete Português de Leitura (*The Royal Portuguese Cabinet of Reading*), in Rio de Janeiro, retains, in its printed version, the volume II of the monthly newspaper *O Recreio, jornal das famílias* (1836), an illustrated journal that brings a wide variety of subjects to the readers, from news to short stories. The content includes a “Sentence” and a “Lawsuit”, long legal texts comprised of language and elements of narrative fiction, which dialogue with each other and with other headlines of the newspaper, despite the spatial and temporal division of publications. From the reading of the periodical’s photographs, taken on-site, and assisted by Tengarrinha (1989), Rodrigues (1998) and Thérénty (2007, 2015), we analyze the relationship between these texts, published in *O Recreio*, aiming to better understand narrative fiction techniques in nineteenth-century newspapers. The initial research that generated this text occurred during a post-doctoral period, at IBILCE/UNESP- Júlio de Mesquita Filho State University of São Paulo.

KEYWORDS: Portuguese Periodical Press; 19th century; *O Recreio* newspaper; Heading. Fiction.

1 Introdução

*
 simonecm@unifesspa.edu.br

A biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura conserva o segundo tomo, com 300 páginas, do mensário *O Recreio. Jornal das famílias*, em cujo frontispício comprovamos ter sido o exemplar impresso em Lisboa, pela Imprensa Nacional, órgão oficial português, em 1836 (Fig. 1). A consulta ao periódico citado também pode ser feita na internet, pois há uma versão digital do segundo volume, no *site* do *Googlebooks*, feita a partir de um exemplar alocado na Indiana University Library (AP 65, R 312, V. 2).

Figura 1: frontispício de *O Recreio, jornal das famílias*



Fonte: Real Gabinete Português de Leitura (foto acervo pessoal)

Ao final da encadernação da versão impressa, é possível consultar o índice, que enumera diversificado conteúdo, indo desde anúncios de livros recentemente publicados até artigos informativos, sendo esses também bastante variados, contemplando textos um pouco mais longos e reflexivos. Respeitando-se a ortografia e a pontuação da fonte consultada, temos como exemplo: “A invenção da imprensa” (*O Recreio*, 1836, p. 34-37), “Geographia: reino da Belgica” (*O Recreio*, 1836, p. 105-107) e “Das Cruzadas” (*O Recreio*, 1836, p. 115-119), além de curiosidades, tais quais “Modo de fazer manteiga na Escócia” (*O Recreio*, 1836, p. 83) e “Bibliothecas publicas em França” (*O Recreio*, 1836, p. 71). Biografias também foram publicadas, como a de “Suzana Herbez”, na página 96 do periódico.

A beleza d’*O Recreio* é realçada pelas várias ilustrações de página inteira, em branco e preto, impressas por todo periódico, ilustrando os assuntos tratados e proporcionando ao leitor um momento de apreciação, de fixação do conteúdo ou de concatenação das ideias.

Sabe-se que não se trata de caso isolado, pois, como informou José Tengarinha (1989), as ilustrações nos periódicos já vinham sendo feitas uma década antes, com especial desenvolvimento a partir de 1834, e já eram praticadas em outros países da Europa:

Embora, por Decreto de 11 de Setembro de 1824, tenha sido criada a Oficina Régia Litográfica, só a partir de 1834 apareceram litografias particulares e o processo se vulgarizou verdadeiramente no nosso país, estendendo os seus benefícios à imprensa periódica.

O aparecimento em Paris de publicações ilustradas, como o *Magasin Pittoresque* (1833), logo reproduzido na Bélgica, encorajou a criação no nosso país de publicações idênticas, fundando-se então *O Panorama*, revista profusamente ilustrada de elevado nível, e depois o *Arquivo Pitoresco* (Lisboa, 1857) que sustentou uma escola de gravura, *O Ocidente* (Lisboa 1878), de longa existência, entre outras. (TENGARRINHA, 1989. p. 198).

As ilustrações d’*O Recreio*, além disso, tinham carácter didático, quando o mensário, por exemplo, na seção “Modas”, ao abranger os tópicos relacionados aos modos de se vestir, às próprias roupas e aos acessórios, inseria figuras acompanhadas de explicações, que continham o delinear das cores e dos materiais utilizados na confecção das peças. Um exemplo encontra-se na página 97, na qual, acompanhando as ilustrações, lê-se: “Penteado ornado de rosas, Vestido de filó cor de carne, sendo a Saia de baixo mais curta. Penteado ornado de flores miudas, Vestido de cassa branca. Casaca cor de pinhão, botões da mesma cor, calça preta” (Fig. 2).

Figura 2: “Modas”



Penteado ornado de rosas, Vestido de filó cor de carne, sendo a saia de baixo mais curta. Penteado ornado de flores miudas. Vestido de cassa branca. Casaca cor de pinhão, botões da mesma cor, calça preta.

Fonte:

<<https://books.google.com.br/books/reader?id=WlkoAQAAMAJ&hl=it&printsec=frontcover&output=reader&pg=GBS.PA97>>.

Consulta em 20/01/2016.

É interessante notar que as ilustrações de página inteira, inseridas no corpo do jornal ou ao final do número, tanto vinham ilustrando um artigo anterior como um futuro texto, a ser ainda publicado no próximo número, dando ao leitor uma ideia do que estaria por vir. Ademais, outras ilustrações podem ser apreciadas ao longo da leitura, desde as tradicionais vinhetas até pequenas figuras que adornavam os artigos, inseridas entre uma rubrica e outra.

Dez páginas do periódico revelaram-se de grande importância para a pesquisa, acerca das narrativas ficcionais, ao publicarem a “Sentença de execução de Fieschi, e de seus cúmplices” (*O Recreio*, 1836, p. 57-67). O título do texto, a princípio, sugeria uma notícia, mas a leitura do mesmo traz outras impressões, atestando a dificuldade para identificação do gênero de algumas publicações d’*O Recreio*. A leitura da história protagonizada por José Fieschi revelou se tratar de um relato sobre os verídicos acontecimentos que antecederam a execução de um grupo, liderado por José Fieschi, o qual promoveu um atentado a “El Rei Luiz Philippe”, em 25 de julho de 1835. Apesar do malogro do plano, uma vez que o rei sobreviveu, tal atentado teve consequências graves: foram 18 mortos e 41 feridos, entre as pessoas que no local se encontravam (Cf. ONCKEN, 1894, p. 142).

Não se pode afirmar que se trata de uma tradução, pois essa informação não é publicada, ao contrário do que ocorre, por exemplo, com o artigo “Educação Moral” (*O Recreio*, 1836, p. 246), que se encerra com “Traduzido do *Journal des Connaissances utiles*”.

2 Uma sentença para o leitor

O relato da condenação de Fieschi, no entanto, apresenta inúmeras características que poderiam confundir o leitor quanto ao caráter verídico ou ficcional da história. Isso porque a dedicação dada às descrições das personagens, aos diálogos, aos locais onde se passam os diferentes acontecimentos e ao controle cronológico do tempo na narrativa produz no leitor um misto de emoções que quase levam-no a crer que está diante de um conto. A construção do narrador certamente contribui para tal sensação de leitura de ficção, pois, onisciente de todos os fatos, mas sem neutralidade ao contá-los, conduz ao desfecho trágico com comoção e respeito aos réus, levando o leitor a refletir se justa foi, realmente, a decisão do tribunal.

A sentença anunciada no título é informada logo na página 58, em que se lê o veredicto que levou à decapitação do principal envolvido. Não obstante, na página seguinte, o narrador

interrompe os fatos para elaborar longa digressão em que são transcritas e comentadas duas cartas escritas pelo protagonista na noite que antecedeu sua morte: uma para seu advogado e outra para um religioso de seu círculo de amizades. Novamente, surge a dúvida sobre o gênero do texto, pois a transcrição das cartas leva o leitor a vincular a “Sentença” aos textos de narrativa de ficção, como os romances, cujo conteúdo híbrido permite a inserção de outros gêneros textuais.

Há, também, trechos que poderiam servir de exemplo de descrição física e psicológica das personagens, como o seguinte, com duas delas:

Era para admirar o contraste que fazia o silencio e a imobilidade de Morey com a petulancia e a inquietação de Fieschi que não estava callado um momento. - Muito bem, disse elle, está bem. - Porém por onde anda a minha sobrecasaca? Então, acha-se ou não se acha? Eu, sem a sobrecasaca não posso ir. - Responderão-lhe que estava no seu bahu e que se tinha perdido a chave. - Como se perdeu! Busquem na nos bolsos das minhas calças, talvez que alli a tenha... ou então no meu colete, mas é de suppôr que esteja no colete, no colete que dei esta manhã a um desses Senhores. - trouxerão-lhe finalmente a sua sobrecasaca preta, e puserão-lh'a. - Está muito bem! Com que esta sobrecasaca é minha? Então posso ainda dispôr della? ... (*O Recreio*, 1836, p. 63).

Dois dos réus são acima comparados quanto ao comportamento que mantiveram no momento dos preparativos para a leitura da sentença de suas mortes. A peculiaridade fica por conta da inquietação do líder do grupo, o qual, mesmo em momento tão tenso, além de não conseguir manter silêncio, reivindica com veemência uma peça de roupa. O diálogo, além de fazer perceber o caráter perturbado do protagonista, dá a entender sua veia satírica. O réu, ignorando conscientemente o próprio aniquilamento, que se aproximava, brinca com os soldados fazendo-os ir e vir, olhar bolsos e baú, perguntar um ao outro, procurar, enfim, por uma sobrecasaca que não lhe interessava, já que, ao consegui-la, pergunta se pode dela dispor, se pode deixá-la para alguém. Interessava-lhe somente a movimentação dos soldados sob seu comando.

De fato, as brincadeiras feitas por Fieschi, as quais aparecem em outras partes do texto, confirmando seu gênio anedótico, vão ser complementadas logo após o desfecho do artigo, pois, abaixo do fim da história (*O Recreio*, 1836, p. 67) e de uma vinheta, abre-se a rubrica “Anecdotas de Fieschi”. E, mais uma vez, o leitor não é capaz de calcular com precisão os limites entre ficção e realidade, conto e notícia, instrução e recreio, já que nem mesmo as separações físicas da página do jornal podem auxiliar: as rubricas comunicam-se.

A constatação de que as histórias de ficção publicadas nos periódicos do século XIX foram, muitas vezes, baseadas nas informações trazidas pelas demais rubricas circunvizinhas da página, e de que as narrativas tirariam proveito dos fatos do cotidiano, foi levantada por estudiosos franceses do jornal e do folhetim oitocentistas, tais como Marie-Ève Thérénty (2015), para quem “a barreira que separa a ficção do texto referencial no jornal – barreira materializada pela linha que separa o rodapé do alto da página – se mostra muito permeável” (p. 124). A autora remete aos trabalhos de Gabriel Thoveron (1996), o qual considera que o folhetim:

[...] vai extrair seus temas das outras rubricas do jornal: ele tomará emprestado os belos crimes e os grandes malfeitos dos *fait divers*; integrará os aspectos da crônica, vulgarizando a geografia pelas viagens, a técnica pelas invenções de seus heróis. Tudo convergirá em suas linhas: ele parecerá oferecer ao mesmo tempo a fuga da realidade, a evasão o divertimento e a própria realidade, tornando-se ele também uma pequena enciclopédia na qual há sempre algo para aprender. (THOVERON, 1996, p. 165 *apud* THÉRENTY, 2015, p. 124).

Ainda que cientes de que a história de Fieschi publicada n’O *Recreio* não era um folhetim, mas sim a notícia de um fato relatado com ares, particularidades e figuras de linguagem da ficção, cremos ter sido relevante para os propósitos de nosso trabalho o encontro desse texto, inclusive no que tange às reflexões sobre as rubricas acima expostas.

Ademais, permanecendo a dúvida, cremos que seria possível a análise da “Sentença de execução de Fieschi, e de seus cúmplices” como um texto ficcional e que muitos de seus episódios contribuiriam para tal propósito. A título de exemplo, quanto ao detalhamento da curiosidade diante do prenúncio do aniquilamento dos réus, não somente pelas autoridades, mas também pelos moradores da cidade, vale a leitura da citação abaixo:

O Governo tinha mandado collocar, de distancia em distancia, uma força respeitavel de Cavallaria e Infanteria. Estavão em armas seis mil e duzentos homens, além de um sem numero de Agentes de Policia, que não permittião aos curiosos que atravessassem as ruas por onde de vião passar os Réos. As arvores dos jardins immediatos estavão cheias de gente, assim como os muros que cercão os Boulevards. Sem exageração, pôde calcular-se em vinte e cinco mil o numero dos espectadores que assistião ao supplicio (O *Recreio*, 1836, p. 65).

A partir do excerto, o leitor consegue visualizar o movimento dos transeuntes em direção ao local de enforcamento dos réus, movimento acelerado, indisciplinado, de cidadãos apinhando-se no cume das árvores, em vão controlados pelos policiais, também em grande número, equipados como para um combate. Além da sensação visual, o narrador acresce

aspectos de sinestesia à cena ao quase fazer com que o leitor escute os ruídos vindos da correria, os gritos dos passantes curiosos e das autoridades, o som do trote dos cavalos e os comentários maledicentes dos favoráveis à execução.

Já quanto à importância dada ao tempo da narração dos fatos, percebe-se a preocupação em detalhá-lo de forma a compreender a sequência cronológica dos acontecimentos, conforme os seguintes os excertos: “Concluíram-se os preparativos às sete horas e um quarto” (*O Recreio*, 1836, p. 64); “O acompanhamento funebre partiu às sete horas e meia” (*O Recreio*, 1836, pp. 64-5); e “Às 7 horas e 53 minutos tinha chegado ao pé do patíbulo o funebre acompanhamento, e 5 minutos depois, estava executada a triplice sentença” (*O Recreio*, 1836, p. 67), que provocam o leitor a acompanhar a sequência dos fatos, com suspense e sentimentalismo.

Em casos de artigos como este em questão, auxiliam-nos os estudos de Marie-Ève Therenty (2007, p. 26), que alertou para o desenvolvimento de uma poética do jornal, de um novo modo de escrita do jornalismo diário, no século XIX:

Le journal a servi de catalyseur à une poétique du quotidien qui s'inspirait à la fois des modalités et des rythmes d'écriture du journalisme, de ses thèmes de prédilection (la rue, le crime) et de ses protocoles de narration. Il a formé un véritable laboratoire poétique où la littérature s'est convertie de l'historique à la politique, de l'éternel au contingent, du macrocosme au microcosme, de l'univers à la nation, voire à la province¹. (THÉRENTY, 2007, p. 26).

Sentimos, destarte, dificuldade em não analisar esse artigo como uma narrativa ficcional, mesmo sabendo que se tratava de um acontecimento real. É que nos atire a primeira pedra o leitor convicto que, com a certeza da definição quanto ao gênero textual da “Sentença”, nos puder acusar de confusos e equivocados.

3 Outros casos, outras sentenças

Prosseguindo a consulta ao mensário, encontramos entre as páginas 152 e 154 (*O Recreio*, 1836) o pequeno conto (ou *fait divers*?) “O que pode a miseria”, cujo triste enredo, já

¹ Em Português: “O jornal serviu de catalisador para uma poética do cotidiano que foi inspirada tanto nas modalidades como nos ritmos da escrita jornalística, seus temas de predileção (a rua, o crime) e seus protocolos narrativos. Ele formou um verdadeiro laboratório poético onde a literatura foi convertida da história à política, do eterno para o contingente, do macrocosmo para o microcosmo, do universo para a nação, ou mesmo para a província” (THÉRENTY, 2007, p. 26). [tradução nossa, pois ainda não há uma edição em Português do livro da autora].

antevisto pelo título, apresenta a história de um pai há muito desempregado. A pequena casa em que reside a família é descrita com poucos objetos e o ambiente doméstico torna-se ainda mais entristecido pela ação do inverno rigoroso na cidade de Londres: “O frio aumentava com a fome, e esta pobre mãe, para aquecer sua filha, não se tirava da cama” (*O Recreio*, 1836, p. 153).

O tempo em que se passa a narrativa, contado lentamente, é marcado de maneira cronológica e informa que o protagonista, Arnold, não se alimentava há seis dias. O período é suficiente para incitá-lo a pedir esmola, porém, tendo sido maltratado, resolve assaltar o pedestre que vinha logo atrás. A mudança repentina de caráter, mesmo que justificada pela fome e pela recente humilhação, surpreende o leitor, que, contudo, logo percebe que houve arrependimento. O desfecho traz uma cena triste: no dia seguinte, o homem que havia sido assaltado, e que se compadecera de Arnold, bate em sua porta e entrega para a mulher uma bolsa cheia de dinheiro. Debalde ela chama pelo esposo, que, temendo que o dito homem buscasse uma vingança, havia dado cabo de sua vida.

Desfechos trágicos figuravam como lugar comum nas narrativas ficcionais do periódico e parecem não ferir os sentimentos dos consumidores de jornais e revistas, acostumados com fortes emoções, habituados com as ordinárias notícias das penas do viver, espectadores, enfim, das usuais cenas de mortes descritas. Entre verdade e ficção, contadas com muitas lágrimas, tremores, angústias, combates, sangue e enforcamentos, qual não foi a nossa surpresa ao depararmos com o longo caso do “Attentado de 25 de julho de 1836. PROCESSO DE ALIBAUD” (*O Recreio*, 1836, p. 179), no n.º 08, de agosto daquele ano.

Novamente, há um fato, uma sentença de morte, decretada a um acusado de atentar contra o rei “Luiz Filipe 1º”, detalhadamente publicada, em 14 páginas, com subdivisões do texto, de acordo com o correr do processo: “Audiência do dia 8 de Julho” (*O Recreio*, 1836, p. 179), “Audiência do dia 9 de Julho” (*O Recreio*, 1836, p. 188) e “Execução de Alibaud” (*O Recreio*, 1836, p. 191).

O tempo, nesse “Processo” também é minuciosamente marcado de maneira cronológica, tal como: “As portas da Sala ordinária das Sessões da Camara dos Pares abrem-se às 10 horas em ponto” (*O Recreio*, 1836, p. 179) e “A pena dos parricidas, em que foi condenado Alibaud, no Sabbado 9 de Julho ultimo, foi executada Segunda feira 11 do mesmo mez pelas 5 horas da manhã” (*O Recreio*, 1836, p. 191). Da mesma forma, há um narrador que com dedicação descreve os fatos, de modo que o leitor os acompanhe sem perder sua sequência, até a

condenação e o desfecho, sem possibilidade de tornar-se indiferente ao ocorrido. A novidade desta sentença está na inserção do discurso direto, com grande número de linhas dedicadas à reprodução dos diálogos firmados durante o julgamento do réu:

O Presidente diz então: Levantai vos, Alibaud, — O vosso nome ?
O Accusado: Luiz Alibaud,
P, Que idade tendes ?
R. 26 annos.
P. Donde sois natural?
R. De Nimes.
P. Que profissão é a vossa !
R. Ex-Militar.
P. A vossa residencia ?
R. Em París, na rua des Marais, n.º 3. (*O Recreio*, 1836, p. 180).

Também há casos em que o narrador coloca-se no interior das falas, comentando brevemente o contexto da enunciação, como nos exemplos: “P. Mas porque motivo sahistes de Hespanha! O Accusado, levantando a voz: Para matar o Rei (Sensação.)” (*O Recreio*, 1836, p. 183) e “O Accusado: Eu estava bem convencido do que fazia (o Accusado senta-se e repete em voz baixa): Se podesse ainda o tornaria a fazer (sensação prolongada)” (*O Recreio*, 1836, p. 185). Assim, será nas falas do acusado, desta vez sem cúmplices, e nos breves indicativos das reações por elas provocadas que se conhece o protagonista do atentado: revolucionário, republicano, seguro de suas ações, sem ocupação de trabalho há algum tempo, filho de pais pobres e amigo de pessoas que sustentaram-no durante o período em que planejou seu ato, sem saber de seu projeto. Já por meio das falas das testemunhas, sabe-se que se trata de uma pessoa de boa conduta, autora de obras de caridade desde a sua mocidade.

Nos poucos momentos em que o narrador discorre sobre os fatos sem utilizar-se dos diálogos, percebe-se que Alibaud não demonstra arrependimento algum de seu feito, tanto é que, durante a leitura da acusação, proferida na segunda audiência, permanece lendo um jornal.

Convencido de que seu malogrado intento de matar o rei da França não deveria desabonar sua conduta anterior, chega a declarar: “Tenho sido atrozmente calumniado; até me compararão a Fieschi: Que haverá de commum entre mim e esse homem ?” (*O Recreio*, 1836, p. 190). Diante da fala deste personagem não se pode deixar de lembrar das íntimas relações entre ficção e realidade estabelecida nas páginas dos jornais e revistas, às quais vem somar-se o diálogo entre as notícias publicadas num mesmo jornal, em períodos diferentes, diálogo que se repete em:

Neste dia, como no da execução de Fieschi, tinham as Authoridades, com muita antecipação, despregado um apparatus militar fóra do costume, pois desde as 3 horas da madrugada estavam em armas todos os destacamentos destinados para assistir áquella tão triste scena. O Patibulo tinha-se armado da meia noite ás 3 horas da madrugada; e desde as 4 as Tropas de Serviço, compostas de 5 Batalhões de Infanteria, 5 Esquadrões de Cavallaria, muitas Companhias de Guardas Municipaes a pé e a cavallo, e um grande numero de Officiaes de Justiça occupavão já os pontos que se lhes havia destinado; estando, para assim dizer, em estado de sitio todo o Districto de Saint-Jacques. (*O Recreio*, 1836, p. 192).

O excerto provoca a impressão de que o leitor está diante de uma continuação da sentença de Fieschi, publicada meses antes, em vez de estar lendo um relato real de um acontecimento jurídico. Já não há mais somente a confusão entre fatos históricos e ficção, História e Literatura, entre o que aconteceu e o que poderia ter acontecido, como definiu Aristóteles (2005), mas vê-se que até mesmo os acontecimentos, quando descritos nos periódicos, podem ser confundidos, dada a maneira como foram escritos.

Conclusão

No caso do periódico estudado, foi possível conferir que os acontecimentos podem mesmo ser mesclados: um caso antigo pode fazer menção a outro, lembrando publicações de meses anteriores, atualizando o leitor sobre novos fatos parecidos com os do passado, convidando-o a admirar um quadro ampliado da situação real de seu mundo ao longo daquele ano, de modo a refletir sobre seu tempo.

No jogo editorial preparado para o leitor, assim, a ficção se vale dos fatos históricos, os fatos históricos podem ser narrados conforme convenções da ficção e, por fim, as notícias (verídicas ou ficcionais) podem estabelecer uma comunicação ou uma continuidade ao longo dos números subsequentes do periódico.

Referências

ARISTÓTELES, HORACIO, LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. 12ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2005.

CANAVARRO, P. "Bibliografia Sinóptica das obras impressas". In: CANAVARRO, P. (Coord). *Imprensa Nacional. Actividade de uma casa impressora. Vol. I 1768-1800*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1975. p. 73-244.

ONCKEN, G. (dir.). *História Universal*. Barcelona: Montaner y Simon editores, 1894. Versão digital disponível em: <http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080002592_C/1080002603_T12/1080002603_051.pdf>. Consultado em 01/02/2016.

PROPP, V. *Morfologia do conto*. Trad. Jaime Ferreira e Vítor Oliveira. 5ª Edição. Lisboa: Vega, 2003.

RODRIGUES, E. *Mágico Folhetim: Literatura e jornalismo em Portugal*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998.

TENGARRINHA, J. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 1989.

THÉRENTY, M. *La littérature au quotidien: Poétiques journalistiques au XIX^e siècle*. Paris: Ed. Le Seuil, 2007.

_____. O longo e o cotidiano. Sobre a dilatação midiática dos romances nos séculos XIX e XX. Trad. Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. Revista *Interfaces*, Rio de Janeiro, Vol. 1, Número 22, p. 117-136, Janeiro-Junho, 2015. <Disponível em:

http://www.cla.ufrj.br/images/docs/interfaces/split/22/08_o%20longo%20e%20cotidiano.pdf>, consulta em 30/09/2015.

O Recreio. Jornal das famílias. Tomo II. Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1836. (Real Gabinete Português de Leitura. 39Q36).